

Café Criminal

A 13 com a 9

Romance Policial

W. Figueirôa

Recife, 2021, 1ª EDIÇÃO - Produção Independente

©2021 Brazil by W. Figueirôa - Proudly Created with W. Figueirôa

Todos os direitos reservados à W. Figueirôa

Produção Independente.

Revisão e Copidesque: Vitória Andmore/Lídia Benvindo

Diagramação: Nay Lisboa. Arte de capa/contracapa: Walter Craveiro

Ilustração da capa frontal: Paulo Vinicius|@viniciuscraveiro12

W231

W. Figueirôa, Café Criminal

Produção Independente, Recife - 228 Págs. ISBN: 9786599549830

1: Literatura Nacional, 2: Romance, 3: Amor, 4: Autor Nacional.

Prezado leitor

Eu já ouvi muitas histórias de romances policiais, mas essa aqui se mostra bastante confusa ao que se vem a narrar. Sabemos que em uma trama policial, além de apresentar o ato de um suposto crime e de um criminoso, há também cenas leves para que a leitura não fique tão tensa, fazendo com que os leitores se sintam a vontade para ler.

O que quero dizer aqui é que: Se você resolver ler este manuscrito e achar que irá encontrar um conto do tipo Agatha Christie ou do nosso aclamado Sherlock Holmes, está totalmente enganado. Realmente enganado. Disso eu tenho certeza. Mas confesso que este romance não é das piores leituras, nem uma história policial tão ruim.

Decerto nele há um crime. Há também um suposto detetive e um Inspetor. Nisso não há dúvidas. Mas se há um mocinho ou uma dama a correr perigo, eu já não posso afirmar, até porque, eu estragaria a história se contasse. Acho melhor você tirar sua própria conclusão lendo os capítulos. Página por página. Parágrafo por parágrafo. Posso afirmar que nesse enredo há um personagem bem peculiar e repleto de problemas sociais como qualquer um de nós. Paris é o cenário pós-guerra. Lá, há o cruzamento da Rua 13 com a 9, que carregam o drama daquele bairro pitoresco. Há um Café cujo lugar, é um refúgio diário nos dias frios e tensos do personagem, que é tão pobre quanto os ratos que moram nas igrejas. Quanto ao romance, ele é sempre bem-vindo dentro desta trama. Aqui haverá também seres humanos tão complexos quanto o Universo, com seus corações indomáveis que não se sabe quando se ama nem quando se odeia, ou quando despreza alguém no qual ele não pensa mais.

Eu e o personagem crucial dessa história não acreditamos nisso. Mas, às vezes nos enganamos diante da paixão avassaladora que nos pega de surpresa, sem deixar de ser um crime aos olhos do nosso protagonista, pois esse sentimento invade nosso peito sem ao menos nos dar um aviso prévio, tomando-nos por inteiro.

Até agora não relatei nada de mais neste livro para que você, leitor, possa degustá-lo do início ao fim e claro, se houver um fim, porque o protagonista deste livro vive mesmo uma confusão dos diabos.

William.

Início

Nosso personagem saiu daquele aposento onde se encontravam dois oficiais de justiça de Paris. Acabado como se houvesse feito exercício o dia inteiro, desceu as escadas já conhecidas à passos lentos e cambaleantes, lembrando-se ainda do baú que mais parecia um despacho. Não... Ele não sabia bem o que havia ali, mas fique ciente de que era algo estranho e com muito mau cheiro.

Você acha que era um cadáver?

Olhe bem, não faço ideia do que é, mas Walt Scott pressentiu no caixote algo de errado e algum fedor, de forma que teve que engolir saliva até chegar ao seu apartamento solitário, como ele também o era. A máquina datilográfica está lá intacta, que ganhara há dias de um dos policiais daquele caso, recebendo em suas entranhas folhas de papel em branco, eram o que se via. Não sei se conto a você sobre o cachimbo de Walt Scott. Sim, ele também tinha um cachimbo que não usava há muito.

Por quê?

Ora meu caro leitor, não era um cachimbo comum, mas devido Walt ter se entrelaçado nos braços de uma mulher das mais exuberantes que já havia visto em Paris, após dias difíceis, duvidosos e tensos, resolveu pitar o belo artefato que se assemelhava àquela bela fêmea de aparência bastante exótica.

Bem, foi mais ou menos assim:

Scott, um homem que havia chegado aos trinta e cinco, cabelos negros e lisos em corte que lhe cobriam as orelhas, olhos castanhos e redondos, boca não

tão desenhada, mas que dava para se notar uma covinha ao vê-lo sorrir abaixo do lábio inferior, nariz imenso e pontiagudo, queixo quadrado como o de uma carranca. Seu corpo, posso dizer aqui que não o víamos tão gordo, também não era lá magricelo.

Após um sono profundo e cansado do sexo mais esplendoroso que ele já houvera tido em seu apartamento, com aquela visita não esperada, despertou no âmbito da madrugada e sentiu uma enorme vontade de acender seu cachimbo. Acredito que foi maior do que o desejo vicioso de fumar seu cigarro sem filtro e de escrever algumas páginas naquela terrível máquina velha e barulhenta que como eu falei antes, ganhou de presente, certamente, ele já havia despertado certo gosto pela escrita e acredito que também por ela.

Levantou-se de súbito ainda sonolento e calçando seus chinelos já bem surrados, foi até a mesinha de cabeceira onde ele mantinha seu artefato cor de café e de cabo curto, adormecido na gaveta assim como a mulher que dormira com ele por toda aquela noite. Mas antes de dar fogo ao fumo frio da madrugada, ele ficou o admirando por alguns minutos como se estivesse vendo ali algo bastante valioso, como a linda dama derramada em seu colchão desfarrado. E não só por isso, mas por alguma coisa que o deixara extasiado. Virou o objeto de todos os lados, fitando-o em detalhes. O fumo não despencou do forninho, fazia-se pregado. Nem mesmo a amante despertou do sono exausto do alvorecer lascivo.

Ela?

Acho que cansada dos saborosos momentos em delírios com ele por toda noite, após terem uma longa conversa sobre um dos crimes mais badalados de Paris, deu-lhe uma sugestão importante e adormeceu profundamente.

Então Walt virou-se para a máquina lá, parada, dormindo com uma folha branca inserida nela, como se fosse uma mulher tentando se encaixar por entre